

ONU alerta que o manejo incorreto do lixo doméstico e hospitalar gerado pela pandemia ameaça a saúde humana e a do planeta



Crise sanitária e também ambiental

» PALOMA OLIVETO

Os impactos negativos da pandemia de covid-19 vão além da saúde e da economia. O meio ambiente também está sendo castigado, de acordo com um relatório divulgado ontem pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo o documento, “dezenas de milhares de toneladas” de resíduos médicos extras, como seringas, material hospitalar, máscaras e outros equipamentos de proteção individual (EPIs) colocaram uma pressão sem precedentes sobre o manejo de lixo, “ameaçando a saúde humana e ambiental e expondo uma necessidade urgente de melhorar as práticas de gerenciamento”.

O relatório global foi baseado nas estimativas de que 87 mil toneladas de EPIs foram adquiridas pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre março de 2020 e novembro de 2021 e enviadas para diversos países, em resposta à pandemia. “Espera-se que a maior parte desse equipamento tenha acabado como lixo”, diz o documento. A OMS destaca que essa é “uma pequena amostra do total”, pois se refere ao material doado pela ONU, não contando os insumos adquiridos diretamente pelos governos. Apenas de vacinas, foram administradas 9 bilhões de doses. “Todas essas atividades produzem uma quantidade enorme de resíduos”, segundo o texto.

Uma avaliação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) em cinco cidades asiáticas constatou que a covid-19 aumentou a quantidade de resíduos médicos em 3,4kg por leito a cada dia. Isso é, aproximadamente, 10 vezes mais que o volume médio de lixo hospitalar, que varia de 0,2kg a 2kg/leito/dia. Além disso, a OMS lembra que o uso de EPIs fora dos estabelecimentos de saúde aumentou significativamente, em todo o mundo, desde o início da pandemia. O relatório cita uma estimativa segundo a qual, em 2020, até 3,4 bilhões de máscaras descartáveis foram jogadas no lixo diariamente, elevando muito o volume de plástico no meio ambiente.

Mesmo fora do contexto da pandemia, globalmente, três em

ANTHONY WALLACE



Máscaras em praia de Hong Kong: agência pede que governos invistam em tecnologias de tratamento de resíduos

cada 10 instituições de saúde não fazem a separação correta de resíduos e menos de um em cada três tem serviço de gestão de lixo hospitalar. “Potencialmente, isso expõe os profissionais da saúde a lesões com agulhas, a queimaduras e a micro-organismos patogênicos e também tem um impacto nas comunidades que vivem perto de lixões a céu aberto e de outros aterros — seja pela poluição do ar por causa da queima de resíduos, seja pela baixa qualidade da água ou por insetos portadores de doenças”, advertiu a OMS.

A análise das Nações Unidas ocorre em um momento em que o setor de saúde está sob pressão para reduzir a pegada de carbono e minimizar a quantidade de resíduos enviados para aterros — em parte, devido à preocupação com a proliferação de plásticos e seus impactos na água e no ecossistema como um todo. O setor contribuiu com 4% a 5% das emissões de gases de efeito estufa globalmente. “Há uma crescente percepção de que os investimentos

na área devem considerar as implicações ambientais e climáticas. O uso seguro e racional de EPIs não apenas reduzirá os danos ambientais causados pelos resíduos, mas também economizará dinheiro, reduzirá a potencial escassez de suprimentos e apoiará ainda mais a prevenção de infecções por meio da mudança de comportamentos”, comentou Anne Woolridge, presidente do Grupo de Trabalho de Resíduos de Serviços de Saúde da Internacional Solid Waste Association (ISWA), na apresentação do relatório.

O documento apresenta um conjunto de recomendações de práticas de manejo melhores, mais seguras e ambientalmente sustentáveis na resposta à atual pandemia e em preparação para futuras. Elas incluem o uso de embalagens e o transporte ecologicamente corretos, o uso de EPIs seguros e reutilizáveis, de materiais recicláveis ou biodegradáveis, o investimento em tecnologias de tratamento de resíduos sem queima, como

autoclaves, uma logística reversa para apoiar o tratamento centralizado e investimentos no setor de reciclagem para garantir que materiais, como o plástico, possam ter uma segunda vida. “É absolutamente vital fornecer aos trabalhadores EPIs adequados. Mas também é vital garantir que possam ser usados de forma segura, sem impactar o meio ambiente”, afirmou o diretor de Emergências da OMS, Michael Ryan.

Nos oceanos

O relatório vai ao encontro de um estudo recente da Universidade de Nanquim, na China, que estimou os impactos negativos dos resíduos decorrentes da pandemia nos oceanos. Segundo o artigo, mais de 8 milhões de toneladas de resíduos plásticos foram produzidos pela crise da covid-19, sendo que 25 mil toneladas foram parar nos mares. “O plástico causa danos à vida marinha e se tornou um

problema ambiental de grande preocupação. A pandemia levou a um aumento na demanda do uso do plástico descartável, intensificando ainda mais a pressão nesse problema já fora de controle”, escreveram os autores.

No estudo, os cientistas utilizaram dados da produção extra de equipamentos médicos e de proteção e criaram um modelo computacional hidrológico para calcular o impacto dos resíduos nos oceanos. Os três principais rios para descarga de detritos plásticos associados à pandemia, segundo a pesquisa, são Shatt al Arab (5,2 mil toneladas, na Ásia), Indus (4 mil toneladas, na Ásia) e Yangtze (3,7 mil toneladas, na Ásia). Em seguida, vêm Ganges (2,4 mil toneladas, na Ásia), Danúbio (1,7 mil toneladas, na Europa) e Amur (1,2 mil toneladas, na Ásia). “Essas descobertas destacam os rios e as bacias hidrográficas que requerem atenção especial na gestão de resíduos plásticos”, destacaram os autores.

OMS: nova ômicron não é mais severa

Em uma coletiva de imprensa on-line, o chefe da equipe de resposta à covid-19 da Organização Mundial da Saúde (OMS), Boris Pavlin, afirmou que, aparentemente, a subvariante da cepa ômicron BA.2 não é mais severa que a original. Na Dinamarca, a versão já ultrapassou a anterior, o que deve ocorrer em todo o mundo, destacou o especialista.

“Olhando para outros países em que a BA.2 está ultrapassando (a BA.1) agora, não estamos vendo nenhum aumento nas hospitalizações maior do que o esperado”, disse ele. Segundo um estudo dinamarquês realizado em mais de 8,5 mil residências, a subvariante é mais transmissível que a original e mais propensa a infectar pessoas imunizadas. Atualmente, além do país europeu, ela já é a mais comum nas Filipinas, no Nepal, no Catar e na Índia.

Boris Pavlin insistiu na necessidade da vacina. “A vacinação é profundamente protetora contra doenças graves, inclusive para a ômicron. A BA.2 está substituindo rapidamente a BA.1. É improvável que seu impacto seja substancial, embora sejam necessários mais dados”, acrescentou.

Também em uma coletiva de imprensa, o diretor da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, disse, ontem, que é “premature” celebrar a vitória contra a covid-19 e abandonar o esforço que vem sendo feito para deter a transmissão do coronavírus. “É prematuro que qualquer país capitule ou que declare sua vitória”, alertou. O pedido de cautela ocorre em um momento em que alguns países buscam retornar à normalidade.

Diretor de Emergências da agência, Michael Ryan também está preocupado com o cenário. Ele afirmou temer que alguns governos queiram imitar os que estão eliminando as restrições, por pressão política, ignorando sua situação epidemiológica e sua cobertura vacinal.

AQUECIMENTO GLOBAL

Reduzir produção de carne pode salvar a Terra

Eliminar gradativamente o consumo de carne pode salvar a Terra dos efeitos do aquecimento global, diz um estudo que avaliou os impactos da criação de animais para a alimentação humana. Publicado na revista *Plos Climate*, o artigo de pesquisadores norte-americanos e britânicos afirma que a queda resultante nos níveis de metano e óxido nitroso, além da conversão de 800 gigatoneladas (800 bilhões de toneladas) de dióxido de carbono em floresta, pastagens e biomassa do solo, teriam o mesmo efeito benéfico de uma hipotética redução das emissões mundiais de CO2 em 68%.

“Nosso trabalho mostra que acabar com a pecuária tem o potencial único de reduzir significativamente os níveis atmosféricos de todos os três principais gases de efeito estufa, o que é necessário para evitar uma catástrofe climática”, disse Michael Eisen, professor de biologia da

Universidade da Califórnia, em Berkeley e consultor de uma empresa alimentícia de proteínas vegetais. O cientista e o professor de bioquímica da Universidade de Stanford Patrick Brown usaram um modelo simples para analisar o impacto combinado da eliminação de emissões ligadas à pecuária e da restauração da vegetação nativa nos 30% da superfície terrestre atualmente usados para abrigar e alimentar o gado.

A maioria das pesquisas sobre o impacto da pecuária se concentrou no impacto atual das emissões de metano dos animais, incluindo o esterco que produzem, do óxido nitroso de fertilizantes usados para cultivar ração e do dióxido de carbono produzido na criação e transporte de rebanhos e da carne. Dois relatórios no ano passado, no entanto, abordaram um aspecto diferente da pecuária: o potencial que as pastagens têm para o crescimento da vegetação e o sequestro

BEN STANSALL



Gado de corte: terra ocupada pela atividade poderia reter carbono, defendem cientistas

de carbono da atmosfera.

“Todo mundo sabe que o metano é um problema. Todo mundo sabe que o gado contribui de alguma forma para o aquecimento global”, disse Eisen. “Mas a agropecuária contribui para o aquecimento global de duas maneiras: por meio de emissões e porque, de outra forma, essa terra estaria reter carbono. A

maioria dos estudos analisa apenas uma dessas coisas.”

Cenário realista

Os dois cientistas passaram os anos da pandemia pesquisando modelos climáticos e literatura sobre mudanças climáticas para quantificar o impacto direto e indireto da eliminação

da agricultura animal em todo o mundo. Enquanto vacas e outros bovinos, como búfalos, representam cerca de 80% do impacto da pecuária, eles também consideraram a contribuição da criação de porcos, galinhas e outras espécies domésticas usadas para alimentação, exceto a pesca.

Os pesquisadores escolheram um cenário considerado realista



Acabar com a pecuária tem o potencial único de reduzir significativamente os níveis atmosféricos de todos os três principais gases de efeito estufa, o que é necessário para evitar uma catástrofe climática”

Michael Eisen, da Universidade da Califórnia, em Berkeley

por eles: uma eliminação gradual da produção de carne ao longo de 15 anos. As conclusões são que a prática acabaria, imediatamente, com cerca de um terço de todas as emissões de metano globalmente e dois terços das de óxido nitroso, permitindo que a atmosfera alcançasse um novo equilíbrio em níveis mais baixos de ambos.